

A POESIA

*João de Jesus Paes Loureiro
Universidade Federal do Pará*

- **RESUMO:** *Estudo estético-filosófico sobre a poesia que tem como ponto de partida a palavra. Desdobra-se sobre a relação entre palavra e mito, manifestando a sua autonomia estética. A poesia é uma espécie de instante que abriga a eternidade. Momento particular da essência do ser, a poesia é uma forma plástica da geografia do próprio ser.*
- **PALAVRAS-CHAVE:** *Poesia; Mito; Estética; Linguagem.*
- **RESUMÉ:** *Réflexion esthétique-philosophique de la poésie qui a comme point de départ le mot. Elle se développe autour de la relation entre le mot et le mythe, manifestant ainsi son autonomie esthétique. La poésie est un bref instant qui accueille l'éternité. Étant un moment particulier l'essence de l'être, la poésie est une forme plastique de la géographie de l'être lui-même.*
- **MOTS-CLÉS:** *Poésie; Mythe; Esthétique; Langage.*

*Obrigado pelo Silêncio.
Vamos falar de poesia.
E o silêncio é o seu prelúdio.*

Poesia é palavra originária e fundadora não apenas de todos os povos, como também das culturas e religiões. Devoradora do agora em sua fome de eternidade, ela confere ao poeta, segundo antiga tradição greco-latina ou de tribos amazônicas, a dupla dimensão de memória viva dos povos e de vidente. Fruto de uma contemplação ativa ou de um agir contemplativo, a poesia tem represado essa memória emocionada das civilizações, entre as sílabas do sempre. Seu toque no botão da palavra faz estalar a eternidade no agora, permite brotar por entre as frestas dos fonemas o mais íntimo do ser e a cósmica correspondência das forças do universo. Intermediação entre o poeta e a coletividade — a poesia — na conjunção dos signos do poema, acontece pela expressão da alma do poeta, dialogando com a alma recriadora de quem lê. É um sentimento vago, turbido estado de espírito, palavra em

rotações do devaneio. Linha inconsútil de sílabas e significações cristalizando a experiência numinosa do espírito, a poesia no poema é um permanente religar do mundo dos homens ao mundo dos deuses e dos mitos.

Os homens criam a imagem de seus mitos, em cujo espelho modelam-se e se transformam. Por isso, costuma-se dizer que foi com Orfeu — poeta e músico — que tudo começou. Orfeu, em seu poder de encanto, era capaz de subjugar com a doçura de sua voz os homens, os animais, as plantas e as pedras. Após a morte de Eurídice, a grande amada, desce ao inferno para resgatá-la. E canta e fala e toca a cítara. Assim, convence os deuses da morte e reconduz Eurídice para a vida. Mas, havia uma condição: deveria conduzi-la em silêncio e sem se voltar para contemplar-lhe o rosto. Orfeu não resiste ao silêncio das palavras, volta-se para a interdita contemplação do rosto amado, o qual, pela órfica violação do interdito, se desfaz em brumas e distâncias. Talvez seja este o itinerário operativo e recorrente de todos os poemas: o poeta tenta resgatar, das trevas submersas da linguagem o rosto da poesia, que se desfaz em cada poema, para tornar-se eterna busca, desejo eterno, eterno refazer de uma quimera.

E o que se pode falar de um poema — essa fogueira, essa fascinação de símbolos na linguagem? Na opinião de Stevenson (1992), “a expressão ‘um poema’ denota uma seqüência de palavras, que exprime tal e qual significação que é exprimida por uma seqüência de palavras”. Está assumida a ambigüidade e a interdependência constitutiva entre palavra, significação e expressão. Além disso, costuma-se também considerar como fonte indispensável do poético a emoção. A emoção e a memória. Não é por acaso que as **musas** são consideradas filhas da memória. E foi segundo essa compreensão de que o poeta Wordsworth considerou que “um poema exprime sempre a rememoração tranqüila de uma emoção”.

É inegável que o poema é uma estrutura de palavras. Como uma fonte ou uma fogueira, sua função é fluir e arder uma

substância impalpável que se diz poesia. Assim, correlato dialético da escritura dos verbos, ler um poema é recriá-lo e vivê-lo. É mergulhar em realidades insondáveis, como numa galáxia de espelhos, descobrindo, em nossa própria finitude, as infinitas realidades do ser e do mundo. É refazer também a viagem de Orfeu, na inconformada busca da beleza essencial.

Pessoal ou coletiva, a poesia emana do poema, numa espécie de tribalização ritual do sentimento. Seja na alma coletiva de um povo, seja nos escondidos da alma do poeta, o poema e a poesia oferecem ao homem as mais íntimas realidades e as alegrias da razão libertando-se de si mesma. Depois da fusão do homem com o mito e a natureza; depois da identificação do homem com a rua e a cidade, o fazer poético vem provocando a dissolução do homem na linguagem do poema. Objeto estético de palavras ditas e ouvidas, o poema é um signo-objeto e o invólucro de um mistério. Ou, como diz Valery (1998): “é o desenvolvimento de uma exclamação”. Ou ainda, na voz de Octávio Paz (1990), “possessão de forças e de poderes estranhos, irrupção de um fundo psíquico enterrado no mais íntimo do ser, peregrina capacidade de associar palavras, imagens, sons”. O poema tem o poder de explodir no agora a cápsula da eternidade, porque toda poesia nele contida, ainda que seja uma emoção rememorada com tranqüilidade, é nutrida pelo desejo de duração. Nascendo no momento do tempo que se dissipa, não se dissipa no tempo. Para isso, faz da forma a sua eternidade em repouso. Arquitetura de nuvens, a poesia do poema parece vir sempre da fonte de um sonho. É sempre algo além do que o simples fulgor da escrita. O poético incendeia a linguagem com a luz das epifanias e das boiúnas. É sentimento e transfiguração.

O suporte material da poesia é o poema. E o poema é uma construção de palavras. De palavras articuladas em linguagem e convertidas em signos. Uma linguagem, portanto, carregada de significação. Para compreendê-la intelectualmente, Barthes (1957) caracteriza a linguagem poética como um desvio sistemático da norma lingüística. Jakobson (1977) fez, sobre o

mesmo tema, uma hoje consagrada conceituação, na linha formalista, segundo a qual a linguagem poética é o resultado de uma equivalência do eixo da seleção sobre o eixo da combinação. Conseqüência disso, o metafórico sobrepuja o metonímico, e o poema, sob a dominância obstinada da função poética e dotado de uma significação intrínseca, assume o estatuto de um signo-objeto capaz de conter em si mesmo a sua significação. Desse modo, é o texto que fala. O poema é a fanopéia de uma outra voz. Nele se privilegia a imanência da emoção e não a intencionalidade do interesse. A estrutura do texto poético ultrapassa a finalidade da mensagem. Constitui-se fonte de significação insaciável e campo de “correspondências”, como se percebe em Baudelaire — poeta angular das transfigurações poéticas deflagradas a partir do século XIX.

Em seu magnífico e erudito ensaio *A revolução da linguagem poética*, Júlia Kristeva (1974), semióloga búlgara adotada pela vida acadêmica francesa, considera o texto poético como uma “prática significante” que assume a condição de “dispositivo semiótico”. O “dispositivo semiótico” é um modo de funcionamento diferente, transversal ao sistema da língua. Abre-se o código da língua para a heterogeneidade, onde aparece aquilo que Freud chama de “pulsão para a morte”. A arte, entendida como o lugar dialético entre o sistema simbólico e a heterogeneidade, pulsional que a ameaça, um jogo tensional entre a vida e a morte, na opinião de Kristeva (1974), assume a lei sócio-simbólica do estilo, ao mesmo tempo em que exerce a sua possibilidade de transgressão. Em conseqüência, o poema, como texto poético-semiótico, desestruturando a normatividade da comunicação da linguagem, representa uma condição essencial de prazer e liberdade. Esse prazer gozoso implica uma “infinetização do sentido”, numa efervescência de significação. Ainda guiados pela reflexão de Kristeva (1974), cabe-nos compreender que as transformações da linguagem poética no fim do século XIX anunciam as transformações do próprio organismo social, do novo mundo em desenvolvimento. O

mundo do século XX. Um mundo regido pela lógica do mercado no qual a poesia — forma verbal de pouca utilidade prática e sem preço — parece dispêndio ou desperdício. Num tempo que depende do mercado e da tecnologia, ela é o antídoto da tecnologia e do mercado. E, no entanto, a poesia está aí! Fraternidade cósmica, espelho, irmandade entre o ser e o não-ser, acordo entre semelhanças e diferenças, cosmo elétrico de identidades e oposições, harmonias e desordens, solidão e companheirismo, rosto da quimera que se dissolve enquanto é contemplado no poema.

Bachelard (1992) afirma que “a poesia é uma metafísica instantânea”. Sim. Verdaderamente, a poesia é o instante em crispação, para lembrar o poeta Octávio Paz (1990). O instante é uma espécie de distanciamento da eternidade, uma frágil ponte entre dois abismos, a “consciência de uma solidão” (Bachelard, 1992) que se quer partilhada e não anulada. Pode-se indagar: quantos infinitos instantes de vida e história são necessários, para o instante em relâmpagos do poema? Para o instante triunfante da poesia? A resposta não está na razão e nem na imaginação. Está no acaso da lama em que a imaginação e razão se interpenetram e ocorre o livre jogo dessas duas faculdades. Quando a razão imagina e a imaginação pensa. Nesse livre jogo do pensar e do sentir interpenetrados, regidos pelo acaso, pela sorte, pelo vôo alado e leve da alma, pressentido por Platão, Kant, Fernando Pessoa e Mallarmé.

Como uma paisagem da alma e da linguagem, a poesia é um momento plástico da geografia do ser. Momento estético da linguagem, a poesia constitui aquilo que representa a paisagem, no vasto mural da natureza: um momento de expressão estetizada, com a brevidade particular de uma relação humana com a totalidade cósmica e universal. Eidorfe Moreira, com a serenidade sábia de sua fina erudição, diz que “a geografia é a poesia concretizada, quer dizer, o espaço considerado como fato estético”. Porque uma paisagem é uma criação da sensibilidade. É um fragmento significante da natureza

incorporado na cultura, o mundo tornado emoção. O mundo convertido em linguagem e cultura. Já no campo da história, a poesia se origina como uma forma de humanização da existência pela memória. Exerce uma função sócio-política, situando o presente com relação ao passado e reorganizando o passado em função do presente. Nesse campo, o gênero primordial de poetização da história e da geografia é a epopéia. Nela, a geografia e a história jogam um papel fundamental e constitutivo.

O épico, no campo dos grandes gêneros literários, é onde se narra a história maravilhosa de um destino. É o exemplo do instante poético feito duração. De um outro lado, o lírico, que é o tempo comprimido da emoção de uma vida, é a duração feita instante. No entanto, estratégia do poético, um poema pode ser a própria síntese da poesia, reunindo em sua estrutura, na modalidade de uma coincidência de opostos, a essência de gêneros que se antepõem. É o caso da *Odisséia*, de Homero, semente e fonte da tradição poética ocidental.

Na *Odisséia*, epopéia onde se narra o retorno de Ulisses à Ítaca, após a guerra de Tróia, para reassumir seu reino, ante os pretendentes de Penélope, sua mulher, encontramos duas representações alegóricas desses dois gêneros maiores — o épico e o lírico — um admirável entrelaçamento de contrários. Forçoso é recorrer sempre a Homero, nosso mestre, como um dia Victor Hugo contou:

“O mundo nasce, Homero canta;
ele é o pássaro desse amanhecer”.

Ulisses, encarnação do mundo masculino grego, é a imagem do épico. É palavra-ação. Seu mundo vai sendo construído por ele mesmo de forma obstinada, a *Odisséia* não é história, mas criação verbal, isto é, um poema. Mesmo durante a narrativa que faz a Alcino, guiado pela recordação de suas aventuras, Ulisses constrói a sua história. A memória, aqui, é a

celebração do histórico, quer dizer a construção objetiva do tempo como verdade acontecida. Não se trata do possível, mas do que pode ter sido. Não o lírico sentido “da vida inteira que poderia ter sido e que não foi”, do poema de Manuel Bandeira. Mas, vida que poderia ter sido e que foi. A memória ativada de Ulisses é a memória do vivido apresentada para que os outros a vivam. É, de certa maneira, um compromisso com o verdadeiro, com a virtude histórica. Ulisses age pela palavra em movimento, palavra instauradora, que faz existir. Ele luta bravamente em Tróia; constrói seu barco, faz-se ao mar e combate a fúria de Poseidon; enfrenta as tempestades, os monstros marinhos e as divindades; vence o aterrador Ciclope, devorador de gentes; afunda-se na sedução movediça de Circe; dialoga com os mortos, atravessando o mar cimeriano até as orlas do inferno; vence glorioso a sedução do canto das sereias; deixa-se guardar — pungido pela nostalgia — na ilha do leito de Calipso; retorna a Ítaca, sua pátria e seu reino; vinga-se dos pretendentes de Penélope, sua mulher, e do reinado, matando-os implacavelmente e reassumindo a realeza de Ítaca, na soberania do épico. O avançar de Ulisses é a história se fazendo. Tudo se converte no sendo e não no sido. Pelos artificios do épico, o sido se torna sendo. O sendo que é uma forma do ser em ação. Sucessão de momentos, de instantes compoem a duração poética. Essa magnífica duração poética de instantes que é própria de todas as epopéias.

Diferentemente de Ulisses, Penélope é a representação do lírico, isto é, da duração feito instante. No universo masculino da epopéia, a fidelíssima mulher do herói, no seu silêncio tecido de memória e astúcia, ela é a clara alegoria do lírico. Fiel à memória do herói, espera pacientíssima. Para retardar a escolha de um novo esposo — já que Ulisses era dado como morto nas batalhas troianas, ocupa-se da tecelagem de um tapete e só ao fim dessa tarefa-signo a escolha seria feita. Ao mesmo tempo, a astuta e virtuosa Penélope, na simulação do trabalho, destecia protegida pela cumplicidade da lua aquilo que

havia tecido sob a vigilância do sol. Paradoxalmente, enquanto ela destecia nas altas horas noturnas o tapete, era como se tivesse a memória do herói que ela ainda acreditava vivo. Tecer, como se Ulisses estivesse morto, era a expressão de um engano. Tecer o tapete era destecer a verdade. Destecer os fios da tela tornava-se, para Penélope, um modo de tecer o verdadeiro.

Dias e noites vão passando sem que a obra chegue ao fim. O tecer e o destecer tornam-se a metáfora da memória e do esquecimento, da verdade e do engano, da realidade e da ilusão. Esse jogo poético de esquecer e lembrar, na tecelagem do fingimento de Penélope, deflagra o lírico no reino do épico. A existência poética de Penélope resulta de sua inexistência épica, isto é, da afirmação de uma subjetividade referencial. Ela figura o silencioso desfilar da memória lutando contra o esquecimento, nessa Tróia de tramas e linhas de um tapete emblemático. Tapete que é como uma sucessão de instantes e de pontos, na duração da memória ameaçada pelo olvido. O próprio destecer a tela é uma consagração do instante de tecer. Faz desse tecer uma construção lírica na tessitura da linguagem e da expressão. O silêncio da espera astuciosa é o canto subjetivo de Penélope. Tecer e esperar é sua forma de cantar.

Tecer e destecer, memória e esquecimento, silêncio e palavra, eis o conflito do lírico no ser de Penélope. Dissimulação e fingimento, o tapete de Penélope impõe uma verdade interior que é uma espécie de verdade virtual própria do lirismo. Uma verdade do sentimento feita de instantes e intenções. Artesã do engano, do fingimento e da dissimulação persuasiva, Penélope tece, no entanto, a mais pura verdade. Astúcia feminina e astúcia poética do lírico. Precursora do fingimento poético concebido por Fernando Pessoa, Penélope dissimula tão completamente sua dor, que chega a fingir tecer o tapete que, na verdade, vai destecendo, momento após momento. Ponto a ponto. Instante a instante.

Aqui, uma questão recorrente retorna: a do instante poético. Esse instante que é como uma cintilação do eterno,

constitutivo da poesia. A chama de uma contemplação ativa instantânea, que ilumina o fazer poético — esse instante absoluto do ser. O delicado cruzamento do agora e do sempre, de todas as contradições e ambivalências, de tudo o que é duplo e uno. Fruto de uma “constidentia oppositorum”, ou seja, de uma coincidência de opostos, “todo mistério poético acaba sendo uma androgenia” (Bachelard, 1992).

A poesia é, portanto, o instante que abriga a eternidade. É sopro dos lábios do vento nas areias do tempo, leva refletindo-se nos peraus da quimera, fragilidade heróica, duração delicada, equilíbrio inquieto de um mistério, ai! de amor atravessando a garganta de uma cordilheira, pétala resistente num vulcão, poesia! Medianeira de todas as contradições humanas, propiciadora de graças e tormentos, “panis angelirus” de nossa fome incessante de amor e liberdade.

Não importa o tempo e os tempos — enquanto existir o homem a poesia estará aí, ali e aqui. Desde que o vento inicial rolou no cosmo, a existência teve início como poesia. O poeta Saint-John Perse (1992) considera que “em verdade toda a criação do espírito é, primeiro poética, no sentido mesmo da palavra”. Poético, já demonstrou Vico, foi o modo de ser desde os primeiros homens. E vieram as hordas e vieram as guerras e vieram as utopias devorando o coração do sonho e vieram os tempos passados e o tempo presente e a poesia permaneceu, permanece e há de permanecer. Porque ela não tem armas atômicas, porque ela não faz a destruição química, porque ela não dissemina o ódio bacteriológico, porque ela não sustenta o fanatismo intolerante das crenças. Porque ela é, apenas, como já dizia Platão, a expressão do vôo e da leveza. Ela está no sempre e no agora. Ela, a poesia, está aqui conosco, como em todos os homens, porque ela é o pássaro leve e alado da condição humana pousando no coração de cada um de nós.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. *L'intuition de l'instant*. Paris: Quadrige/PUF, 1992.
- BARTHES, Roland. *Mythologies*. Paris: Editions du Seuil, 1957.
- JAKOBSON, Roman. *Huit questions de poétique*. Paris: Editions du Seuil, 1977.
- KRISTEVA, Julia. *La révolution du langage poétique*. Paris: Editions du Seuil, 1974.
- PAZ, Octávio. *La outra voz*. Barcelona: Seix Barrad, 1990.
- PERSE, Saint-John. *Oeuvres Complètes*. Paris: Gallimard, 1982.
- STEVENSON, Charles. Qu'est-ce qu'un poème? In: GENNETE, Gerard (Org.). *Esthétique et poétique*. Paris: Editions du Seuil, 1992.
- VALERY, Paul. *Les Sentiers et les routes de la poésie*. Paris: Gallimard, 1998.